

AS DEMANDAS TURÍSTICAS DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 SOB A PERSPECTIVA DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO¹

Eduardo Gabriel Sebastiany,
Universidade Feevale (FEEVALE)

Alessandra Fernandes Feltes,
Universidade Feevale (FEEVALE)

Dienifer Letícia de Freitas Rodrigues,
Universidade Feevale (FEEVALE)

Gustavo Roese Sanfelice,
Universidade Feevale (FEEVALE)

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a cobertura do jornal Folha de São Paulo durante os Jogos Rio/2016 quanto às demandas turísticas. Configura-se uma pesquisa descritiva/quantitativa/qualitativa. A partir da análise de conteúdo de Bardin (2016) obteve-se quatro categorias (Espaço urbano; Cultura; Projetos culturais e Infraestrutura turística) e verificou-se um discurso heterogêneo que evidenciava em diversos aspectos a capacidade brasileira de receber e acolher os visitantes deste megaevento.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; Megaevento esportivo; Rio 2016.

INTRODUÇÃO

Os megaeventos esportivos pelo seu caráter espetacular e internacional, como é o caso dos Jogos Olímpicos, em função do alcance e simultaneidade de sua transmissão por diversos meios de comunicação, maximizam sua importância e justificam o interesse dos diversos agentes em sua realização.

Por abranger uma dimensão multifacetada (econômica, política e cultural-ideológica) o país-sede vive diferentes níveis de complexidade social revelando as potencialidades e/ou debilidades dos locais. Paiva (2015) menciona que a mídia pode revelar as fragilidades do lugar (violência, baixos níveis de hospitalidade, sujeira) e dos agentes promotores, como governantes ou instituições públicas ou privadas (corrupção), investindo, de modo geral,

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

contra a imagem da cidade que estão diretamente relacionados com reflexos significativos na produção e consumo do espaço urbano.

Assim, este estudo tem como objetivo analisar a cobertura do jornal Folha de São Paulo dos Jogos Rio/2016 sob a ótica das demandas turísticas.

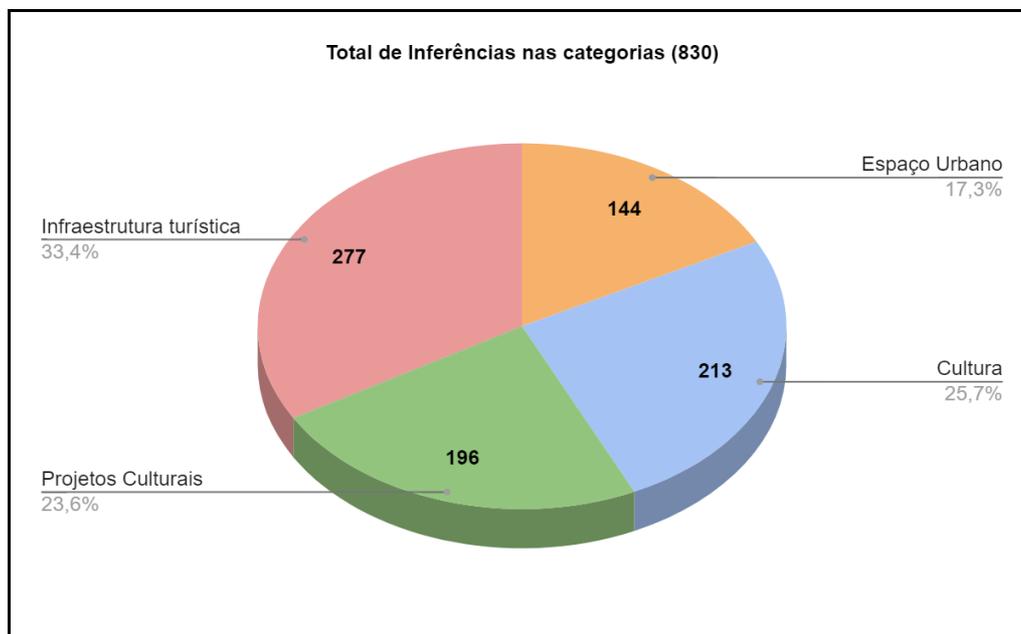
MÉTODO

Essa pesquisa caracteriza-se como descritiva/quantitativa/qualitativa, tendo como *corpus* o Jornal Folha de São Paulo referente às edições de 5 de julho a 22 de setembro de 2016 (período pré, durante e pós megaevento). Os fragmentos de registros foram títulos, subtítulos, textos, imagens, editoriais, entre outros, analisando toda inferência relacionada aos Jogos, ao todo foram catalogadas 830 inferências. Utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (2016) e a partir da codificação do material estabeleceu-se as seguintes categorias: Espaço urbano; Cultura; Projetos culturais e Infraestrutura turística. Em seguida, foi utilizado o método qualitativo, que segundo Dijk (1990), possibilita a execução da análise textual e visual suprindo as estruturas do discurso em diversos níveis de descrição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gráfico em seguida representa o total das inferências extraídas do Jornal Folha de São Paulo (830) no período do recorte. Seguindo a lógica da construção da notícia, apresenta-se em ordem crescente as categorias: Espaço Urbano, configura-se com 17,3% (144 inferências), posteriormente 23,6% Projetos Culturais (196 inferências), 25,7% Cultura (213 inferências) e, por fim, Infraestrutura turística com 33,4% do total (277 inferências).

Gráfico 1 – Total de inferências



Fonte: [elaborado pelos autores]

Para explorar descritivamente os dados expostos apresenta-se, a seguir, o conteúdo das inferências de cada categoria. Como por exemplo, na de Espaço Urbano as notícias centraram-se em obras atrasadas, deterioradas ou com indícios de desvio de dinheiro discutindo a respeito das reformas realizadas para atender os atletas, pois várias delas estavam com atrasos. Para Mezzaroba e Pires (2011), às obras muitas vezes acabam ficando pela metade pela falta de organização e desvio de dinheiro público.

Na página B1 do dia 25 de julho, a Folha anunciou como foi a abertura da Vila dos Atletas e a chegada das primeiras delegações no dia anterior. O jornal relata diversas reclamações - três delegações tiveram de contratar pessoalmente equipes para finalizar as obras, o que incluiu reparos no encanamento, vazamento de gás e fiação elétrica exposta. Na mesma página, outra notícia expõe uma discussão entre o prefeito do Rio de Janeiro e a chefe de delegação australiana, Kitty Chiller. Ele estereotipa e ironiza dizendo que estava quase colocando um canguru na frente do prédio para eles se sentirem em casa e ela afirma não precisar de cangurus, apenas das hospedagens finalizadas - sua delegação hospedou-se em hotéis nas proximidades. O fechamento deste episódio para o jornal é retratado no dia 28 de julho, quando a Folha apresenta duas fotografias: uma do prefeito entregando o mascote das Olimpíadas, Vinícius, juntamente com as chaves da Vila dos Atletas a Kitty Chiller e a outra

dele recebendo um boneco canguru boxeador, com o título “Eduardo Paes pede desculpas e ganha canguru de australianos”.

Na categoria Projetos culturais as notícias retratam, sobretudo, eventos culturais que ocorreram durante os Jogos, mostrando programações e shows. O foco principal se deu em três eventos: a passagem da Tocha Olímpica e as cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos. A Folha acompanhou a passagem da Tocha Olímpica conforme se deslocava ao Rio em diferentes dias e trouxe algumas interrupções e proibições de continuidade devido a protestos, segundo a página B2 do dia 28 de julho.

A No dia 1º de agosto as páginas B4 e B5 trazem vários fatos sobre os ensaios da abertura, comparando o que haverá dentro do palco e o que pode ser percebido do lado de fora da arena. Já em 5 de agosto nas páginas B2 e B3 o jornal comenta sobre o baixo orçamento destinado ao momento e mais alguns detalhes sobre como ocorreu o evento. Segundo Bruggemann et al (2011), percebe-se que a Folha caracteriza-se por seguir tendo uma abordagem de informação que pauta eminentemente questões econômicas e políticas.

Na categoria Cultura, estão entre os principais destaques a série de conteúdo do caderno de turismo do dia 28 de julho, nas páginas de ND6 a ND9, acerca de diversos aspectos culturais brasileiros a serem valorizados, como por exemplo, a gastronomia e questões musicais. Para Giambiagi (2015) o Rio deveria seduzir o turista, construir um espaço capaz de permitir um encontro com pessoas dos mais diversos espaços do mundo, definindo-se como um ponto com traços próprios. Evidenciar esses pontos seria o mais lógico a se fazer.

Contudo, a Folha também apontou a cultura de vaia ao presidente interino, que mais tarde teria se popularizado como “Fora Temer!”. Durante o período de análise foram computadas cinco notícias que traziam alusão a vaia ou possíveis vaia a Michel Temer, totalizando 18 inferências. Foi possível perceber a preocupação do jornal com as decisões que o político tomava para evitar tais acontecimentos.

Quanto ao encerramento, no dia 18 de agosto, a Folha apresenta um breve resumo do que se esperar do evento, relatando sobre tributo a festas regionais e alguns detalhes técnicos. A festa entra novamente na agenda midiática no dia 22 de agosto, nas páginas B2 e B3 com várias imagens e mensagens dicotômicas - a primeira destaca a fala do presidente do COI reconhecendo o resultado dos Jogos Olímpicos e a segunda afirma que a cerimônia se tratou de um momento anticlimático e frustrante.

Por fim, na categoria Infraestrutura turística esteve a maior diversidade de inferências oriundas da grande quantidade de imagens e gráficos que a Folha dedicou para retratar as notícias. Isso se deve provavelmente pela vontade do jornal em chamar a atenção do leitor com cifras exorbitantes referentes aos investimentos e do sistema de segurança do megaevento.

Um dos grandes temores da Olimpíada era o de haver um ataque terrorista ou eventos que manchasse a “hospitalidade brasileira”, como assaltos e tiroteios. Esses temores foram reforçados pela Folha ao dedicar grande parte de sua agenda ao assunto, a maior parte deles ocorreu no período que antecede o evento. Além disso, os aeroportos foram os pontos que receberam mais espaço no Jornal, o que indica uma preocupação maior com o mal vindo do exterior ou reforçar a necessidade de investimentos referente a insegurança no país.

Um exemplo é a notícia da página B4 de 21 de julho apresentada na figura a seguir, quando a equipe da Folha realizou dois voos em direção ao Rio de Janeiro, com o intuito de averiguar a segurança nos aeroportos. Nela, encontram-se dois relatos de jornalistas que mencionam a agilidade e rapidez no percurso, contudo, destaca-se sobretudo por um deles não ter sido barrado pelo raio-X ou ser abordado por seguranças possuindo um estilete dentro do avião em movimento.

Estudos realizados pelo Ministério do Turismo juntamente com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE (2016) durante os Jogos, apontam que entre os pontos considerados negativos pelos entrevistados estavam problemas com a mobilidade urbana/trânsito, a falta de segurança e a falta de organização do evento. Já entre os principais temas de reportagens internacionais publicadas sobre o Brasil, política e violência foram os aspectos negativos mais abordados.



Figura 1 - Caderno Cotidiano da Folha de S. Paulo no dia 21 de julho de 2016 (B4)

B4 cotidiano ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 2016

FOLHA DE SÃO PAULO

TESTE DE VOO

DE SÃO PAULO DO RIO

Desde segunda (18), a Agência Nacional de Aviação Civil endureceu as normas para embarques domésticos. Agora, elas são semelhantes às de voos internacionais: laptops, por exemplo, precisam ser inspecionados nos aparelhos de raios X.

A Folha pegou a fila e testou essas regras. Uma repórter embarcou com um estilete em São Paulo. No Rio, outro repórter foi abordado pela Polícia Federal por fazer fotos e anotações na área dos raios X. A Infraero informou que acionará a PF para apurar o ocorrido em Congonhas. Sobre o abordamento no Rio, a PF disse que é proibido fotografar nas áreas de segurança.



Na área de segurança do aeroporto de Congonhas, em SP, funcionária faz revista corporal em passageira nesta quarta

DE SÃO PAULO DO RIO

“Retirem pertences metálicos e notebooks. Cintos também”. Sacos plásticos para os passageiros guardarem seus pertences são distribuídos.

No rio X, tira o notebook da mochila — uma das novas regras — e o coloca em uma bandeja. “Tira os sapatos?”, pergunto. Parece não haver resposta correta — olho para os lados e vejo que nem todos são obrigados a fazê-lo.

A funcionária, porém, diz que sim, então sigo sua orientação. Em seguida, posiciono minha mochila na esteira.

Ansiosa, já aguarde ser delatada pelo rio X. Certamente será punida, não?

Os agentes que checam as bagagens não identificam a arma que transporto. Minha mochila passa incólume.

Enquanto coloco meus sapatos, observo que após passarem pelos detectores de metal, alguns passageiros afilios são revisados. Essa é uma das inovações de segurança nos voos domésticos.

Vou as filas às 5h30. Total da espera: 26 minutos, quase o mesmo tempo para comprar um pão de queijo na área de embarque.

Ali, outras pessoas acima de qualquer suspeita, como eu, comentam sobre o quanto melhor seria viajar de carro e como temem ser abordados na Olimpíada — eles também já temeram pela Copa.

Entro no avião com o estilete na mochila. Felizmente, não pretendo utilizá-lo. Meu voo, marcado para às 7h, parte às 7h17. Chego ao Rio às 8h03, após um período de três horas e 33 minutos.

O transtorno que se tolera em troca de proteção, se ela não existe, passa a não valer mais a pena — e a hora a menos de sono começa a pesa. Muito alarde e pouca segurança permitiram minha transgressão. E se outras pessoas fizeram o mesmo?

meu comportamento de repórter chamou a atenção.

Fui levado a uma pequena sala. “O que o senhor fazia tirando fotos e fazendo anotações na área restrita?”

Explicoquei que era jornalista e fazia um reportagem sobre o novo esquema da segurança dos aeroportos.

“O senhor acha certo fotografar em uma área restrita, tomar notas e publicar no seu jornal detalhes da nossa operação? Terroristas podem usar suas fotos para ver onde estão posicionadas nossas câmeras, nossos agentes.”

Respondi que o texto não daria esse tipo de detalhe. Contrariado, ele mandou que eu apagasse as imagens.

Mostrei quatro fotos e um vídeo. “Pro lixo”, repetia ele enquanto eu rolava a tela do celular. Chegou a pedir que eu apagasse as fotos de fora da área restrita, o que neguei.

“Essas anotações? Eu quero ver o que você escreveu.”

Chegamos ao registro da entrada no embarque. “5h35, funcionário da Infraero, retirar computador e tablet da mala de mão, por favor.”

Para o policial, era como a prova de um crime. “Olha aí, identificando a nossa posição. Resaga essas duas folhas aí.” Relutou. Ele se irritou.

“Estamos num momento especial por conta da Olimpíada. Não estou dizendo que vai acontecer, mas a ameaça (terrorista) é real.” Mantive a posição. “Bom, então riscar essas informações e já ir tudo na sua cabeça mesmo”, disse, passando-me uma carteira. Kasarete e anotação.

Antes de me liberar, tirou uma cópia da minha identidade e do crachá da Folha. Estava na fila do café quando o funcionário da Infraero apareceu de novo, com uma pergunta que o policial inicialmente não passou. “Em qual voo você vai embarcar mesmo?”

DEPOIMENTO CONGONHAS

Agentes deixaram passar estilete de 9 centímetros

JULIANA GRAGNANI DE SÃO PAULO

Recolho a lâmina afiada do estilete ainda no escuro, às 4h30, e quando o objeto junto com cunetas num estojo vermelho. São nove centímetros de comprimento desta arma branca, potencialmente perigosa. Fecho minha mochila e saio rumo ao aeroporto.

Meu voo de São Paulo para o Rio sairá às 7h desta quarta (20) de Congonhas. Segundo as novas normas federais, eu deveria estar no aeroporto às 5h. Isso significa sair de casa às 4h30 — há quem tenha que partir bem antes disso — e, portanto, acordar ao menos às 4h.

Acordar às 4h4 para os fortes, ainda mais porque nós, os frances, não conseguimos dormir antes das 23h.

As 5h15, já havia feito o check-in. “Vá direto para o raio X porque está demorando”, me alertou um funcionário da companhia aérea. As 5h17, entro na primeira fila — inédita para mim — para subir escadas rolantes que dão acesso ao segundo andar, onde fica o embarque.

Aguardando cinco minutos.

Sigo para a segunda fila, um pouco mais espaçada nesta semana em Congonhas. Agora, o passageiro não segue reto para o raio X quando sai da escada rolante, anda até o fim de um corredor circular. Ali, funcionários instalavam mais faixas para crescer o zigzag que segue.

“Mas no terceiro dia das novas regras, a fila anda rapidamente e dura menos que o esperado. “Nem precisava ter chegado tão cedo”, diz um rapaz ao amigo.

Após mostrar o cartão de embarque, ingresso na terceira fila, que levanta ao raio X. Um funcionário lê em voz alta as instruções, repetidas quatro vezes em três minutos:

“Retirem pertences metálicos e notebooks. Cintos também”. Sacos plásticos para os passageiros guardarem seus pertences são distribuídos.

No rio X, tira o notebook da mochila — uma das novas regras — e o coloca em uma bandeja. “Tira os sapatos?”, pergunto. Parece não haver resposta correta — olho para os lados e vejo que nem todos são obrigados a fazê-lo.

A funcionária, porém, diz que sim, então sigo sua orientação. Em seguida, posiciono minha mochila na esteira.

Ansiosa, já aguarde ser delatada pelo rio X. Certamente será punida, não?

Os agentes que checam as bagagens não identificam a arma que transporto. Minha mochila passa incólume.

Enquanto coloco meus sapatos, observo que após passarem pelos detectores de metal, alguns passageiros afilios são revisados. Essa é uma das inovações de segurança nos voos domésticos.

Vou as filas às 5h30. Total da espera: 26 minutos, quase o mesmo tempo para comprar um pão de queijo na área de embarque.

Ali, outras pessoas acima de qualquer suspeita, como eu, comentam sobre o quanto melhor seria viajar de carro e como temem ser abordados na Olimpíada — eles também já temeram pela Copa.

Entro no avião com o estilete na mochila. Felizmente, não pretendo utilizá-lo. Meu voo, marcado para às 7h, parte às 7h17. Chego ao Rio às 8h03, após um período de três horas e 33 minutos.

O transtorno que se tolera em troca de proteção, se ela não existe, passa a não valer mais a pena — e a hora a menos de sono começa a pesa. Muito alarde e pouca segurança permitiram minha transgressão. E se outras pessoas fizeram o mesmo?

DEPOIMENTO SANTOS DUMONT

‘Queira me acompanhar, por favor’, ouvi do policial federal

LUCAS VETTORAZZO DO RIO

As 5h30 desta quarta-feira (20), eu vestia o meu cinto, logo após passar minhas malas pelos raios X da área de embarque do aeroporto Santos Dumont, no centro do Rio, quando um homem se aproximou, parecendo tenso.

“Boa noite. Bom dia. Sou agente da Polícia Federal. Queira me acompanhar, por favor”, disse ele, enfático.

Eu queria embarcar em um voo às 7h30 para o aeroporto de Congonhas, em São Paulo.

Chegamos aos Santos Dumont às 5h15, duas horas antes do meu voo, conforme orientou a Anac à população. O terminal já tinha grandes filas no check-in e no embarque, mas o público conformava-se com a nova realidade.

“Tá cheio, mas tá tranquilo. Não fazemos baraco, não batem em ninguém. Tá de boa”, disse Helen Rodrigues, 30, que empacota bagagens.

A fila que dava acesso à área de embarque estava, fazendo um “U” por toda a extensão do segundo andar.

Um senhor exclamava: “Isso porque sou cinco da manhã!”.

Lojas, cafeterias e livrarias, abertas mais cedo, estavam vazias. As pessoas caminhavam em silêncio, apreensivas.

O tamanho da fila dava a impressão de que, mesmo com tanta antecedência, perder o voo era uma possibilidade. Não foi assim. Em 13 minutos, cheguei ao embarque.

Todos os guichês tinham equipes trabalhando de forma ordenada. Havia inspeção rigorosa, mas ágil. Funcionários distribuíam sacos plásticos para os objetos de metal. Devo o cinto para tirar o ardo.

Dois minutos depois, já havia passado pelos raios X.

Um funcionário me chamou para o lado do raio X. “O que o senhor fazia tirando fotos e fazendo anotações na área restrita?”

Explicoquei que era jornalista e fazia um reportagem sobre o novo esquema da segurança dos aeroportos.

“O senhor acha certo fotografar em uma área restrita, tomar notas e publicar no seu jornal detalhes da nossa operação? Terroristas podem usar suas fotos para ver onde estão posicionadas nossas câmeras, nossos agentes.”

Respondi que o texto não daria esse tipo de detalhe. Contrariado, ele mandou que eu apagasse as imagens.

Mostrei quatro fotos e um vídeo. “Pro lixo”, repetia ele enquanto eu rolava a tela do celular. Chegou a pedir que eu apagasse as fotos de fora da área restrita, o que neguei.

“Essas anotações? Eu quero ver o que você escreveu.”

Chegamos ao registro da entrada no embarque. “5h35, funcionário da Infraero, retirar computador e tablet da mala de mão, por favor.”

Para o policial, era como a prova de um crime. “Olha aí, identificando a nossa posição. Resaga essas duas folhas aí.” Relutou. Ele se irritou.

“Estamos num momento especial por conta da Olimpíada. Não estou dizendo que vai acontecer, mas a ameaça (terrorista) é real.” Mantive a posição. “Bom, então riscar essas informações e já ir tudo na sua cabeça mesmo”, disse, passando-me uma carteira. Kasarete e anotação.

Antes de me liberar, tirou uma cópia da minha identidade e do crachá da Folha. Estava na fila do café quando o funcionário da Infraero apareceu de novo, com uma pergunta que o policial inicialmente não passou. “Em qual voo você vai embarcar mesmo?”

Repórter segura estilete em voo de São Paulo para o Rio

Caderno de anotações de repórter teve que ser rasurado

MORTES

HERIQUE ROBERTO KRUMM - Ass 80, Dória e mulher, Rachel, ex-B. Itina, Deborah, Sérgio Benjamim e Betina, irmãos e netos, Cemitério Iguape da Barant, av. Eng. Heitor Antônio Gera, 5.230, Barant.

ALFREDO JHANNI JULIUS CERVENY (1932-2016)

HERIQUE ROBERTO KRUMM - Ass 80, Dória e mulher, Rachel, ex-B. Itina, Deborah, Sérgio Benjamim e Betina, irmãos e netos, Cemitério Iguape da Barant, av. Eng. Heitor Antônio Gera, 5.230, Barant.

JOSÉ DOMINGOS NETO - Nesta quinta (21), ao meio-dia, na Igreja Nossa Sra. do Brasil, gr. Nossa Sra. do Brasil, 100, Jd. Paulista.

MARIA DE SALETTE FAIRBANKS UHLENDOFF - Nesta quinta (21), ao meio-dia, na Igreja Nossa Sra. do Brasil, gr. Nossa Sra. do Brasil, 100, Jd. Paulista.

MARIA LUCIA BARRETO DIAS - Nesta quinta (21), às 20h, na Igreja Nossa Sra. do Brasil, gr. Nossa Sra. do Brasil, 100, Jd. Paulista.

MARIA NINA ARANTES FERREIRA DE SOUZA (BIBI) - Nesta sexta (22), às 12h45, na Paróquia Nossa Sra. do Brasil, gr. Nossa Sra. do Brasil, 100, Jd. Paulista.

SÔNIA MARIA CASTRO GARCIA - Nesta quinta (21), às 17h30, na Paróquia Nossa Sra. do Carmo da Assinção, Br. Caxias, 143, Assinção.

MARIA NINA ARANTES FERREIRA DE SOUZA (BIBI) - Nesta sexta (22), às 12h45, na Paróquia Nossa Sra. do Brasil, gr. Nossa Sra. do Brasil, 100, Jd. Paulista.

Jd. Paulista.

31 MÉS

MARIA BORDINI DO AMARAL FERREIRA - Nesta sexta (22), às 20h, na Igreja Nossa Sra. do Brasil, gr. Nossa Sra. do Brasil, 100, Jd. Paulista.

ALFREDO JHANNI JULIUS CERVENY (1932-2016)

Arrumou barco, nomeou carro e fez locomotiva

FERNANDA FERREIRA NEVES DE SÃO PAULO

Mortes de transporte arramou Alfredo Jhanni Julius Cerveney. Gostador do movimento, da veiculosidade. Podia ser na água, na terra ou até sobre trilhos.

Filho de um austríaco e uma descendente de alemães, Alfred nasceu na Freguesia do Ó, zona norte de São Paulo, em uma comunidade de estrangeiros. Foi aprender o português só na hora de ir para a escola, aos seis anos.

“Vou gosto por desenhos e levei ao curso de arquitetura. Formou-se no Mackenzie nos anos 50, e trabalhou mais de 30 anos no Departamento de Edificação da prefeitura.

Tinha projetos, vistas e prescrições, além de consultorias para empresas. Costumava dizer que entendia tudo sobre leis de zoneamento.

“ Fora do trabalho, gostava de barcos e automóveis. Começou praticando vela com amigos na represa Billings (zona sul) antes de ter uma lancha, uma moto, carros e locomotiva que ele mesmo construiu na década de 90.

Barcos e automóveis eram muitas vezes restaurados por Alfred antes de serem batizados e colocados em uso. Seu último veleiro tinha o nome de “Paul” e mais recente carro era chamado de Catarina.

Para andar com sua locomotiva, ele comprou um sítio em Monguá (SP) após sa-

ber dos trilhos no local. Foi o passado da família por anos.

Engenheiro e sincero, costumava passar longe do discurso politicamente correto. Tinha linguas afiadas e estava sempre arrumado, com barbo de cavalo e sapatos de couro alemão — investimento que chegava a irritar a mulher.

Morreu dia 8, aos 83, devido a uma parada respiratória. Deixa a mulher, Cenede, quatro filhos e quatro netos.

contato: alfredcerveney@uol.com.br

SEUSSE

QUÊ DEVE PROCURAR O SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SP: tel. (11) 3206-4000. Segundo a lista dos 5h às 20h. Sábado e domingo, das 20h às 17h.

AVISO GRATUITO NA SEÇÃO site: folha.com/mortes. Até às 15h, os até às 15h de cada dia para publicações aos domingos. Enviar material de referência para checagem das informações.

ANÚNCIO PAGO NA FOLHA: tel. (11) 3226-4000. Segundo a lista dos 5h às 20h. Sábado e domingo, das 20h às 17h.

ANÚNCIO PAGO NA FOLHA: tel. (11) 3226-4000. Segundo a lista dos 5h às 20h. Sábado e domingo, das 20h às 17h.

AVISO GRATUITO NA SEÇÃO site: folha.com/mortes. Até às 15h, os até às 15h de cada dia para publicações aos domingos. Enviar material de referência para checagem das informações.

†

Geraldo Borghetti

agradecemos as manifestações de pesar recebidas e convidamos amigos e parentes para a missa de 7º Dia, que será celebrada no dia 22 de julho, às 11 horas, na Paróquia São José, Rua Dinamarca, 22, no Jardim Europa.

Fonte: [Jornal Folha de S. Paulo - <http://acervo.folha.com.br>]

A terceira imagem da figura anterior apresenta um caderno com algumas rasuras, mas que facilmente é possível ler o conteúdo das anotações, as quais foram feitas em um local restrito ao acesso. O jornalista foi abordado e teve de apagar as fotografias que fez, mas pode



permanecer com o caderno de anotações do modo como a imagem ilustra. Possivelmente, a mensagem passada pela Folha foi de que as consequências para tal ato não foram tão graves, uma vez que as anotações ainda poderiam ser lidas, a punição não parecia tão séria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Referente ao objetivo do trabalho foi possível verificar uma diversidade de assuntos priorizados pelo Jornal em determinados períodos. No período pré-evento abordou-se questões como: as construções e reformas dos complexos esportivos; investimentos em segurança, sobretudo dos aeroportos; divisão entre a agenda cultural programada e os espaços utilizados para deslocamento e hospedagem de turistas; a recepção dos atletas e a cerimônia de abertura.

Durante os Jogos as categorias Infraestrutura Turística e Cultura receberam mais atenção, focando no funcionamento das estruturas criadas e nos aspectos culturais contrastantes advindos dos encontros do megaevento, respectivamente. Já no período pós o fluxo de notícias foi atenuado, concentrando-se na cerimônia de encerramento e nos legados tangíveis e intangíveis.

Entre as categorias pode-se perceber um conteúdo próximo e complementar. Isto é, enquanto o Espaço Urbano falava sobre construções gerais da cidade-sede, a categoria Infraestrutura Turística abrangeu as construções diretamente ligadas a estadia e deslocamento de turistas. As outras categorias demonstraram um cuidado na forma como o Brasil recebeu os atletas e turistas, como garantiu sua segurança e quais atrações ofereceu. Estes são pontos que corroboram com a visão internacional de país acolhedor e festivo.

Desse modo, a cobertura da Folha centrou-se em apresentar a capacidade brasileira em administrar um megaevento em seus diversos aspectos, evidenciados pela pluralidade de conteúdos abordados. Provavelmente as pressões por bons resultados na gerência de um megaevento induziram o agente noticioso a adotar tal posicionamento, enfatizando as capacidades e reforçando estereótipos.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

THE TOURIST DEMANDS OF THE RIO 2016 OLYMPIC GAMES FROM THE PERSPECTIVE OF THE FOLHA DE SÃO PAULO NEWSPAPER

ABSTRACT

This study aims to analyze the Folha de São Paulo coverage during the Jogos Rio/2016 regarding meeting the tourist demands of this event. A descriptive/quantitative/qualitative research is set up. Based on Bardin's content analysis (2016), four categories were obtained (Urban space; Culture; Cultural projects, and Tourism infrastructure) and there was a heterogeneous discourse that evidenced in several aspects the Brazilian capacity to receive and welcome visitors to this mega event.

KEYWORDS: Olympic Games; Sports mega event; Rio 2016.

LAS DEMANDAS TURÍSTICAS DE LOS JUEGOS OLÍMPICOS RÍO 2016 BAJO LA PERSPECTIVA DEL PERIÓDICO FOLHA DE SÃO PAULO

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar la cobertura del diario F. de São Paulo nos Juegos Río/2016 sobre las demandas turísticas. És una investigación descriptiva/cuantitativa/cualitativa. Con base en el análisis de contenido de Bardin (2016), se obtuvieron cuatro categorías(Espacio urbano; Cultura; Proyectos culturales e Infraestructura turística) y se verificó un discurso heterogéneo que evidenciaba en varios aspectos la capacidad brasileña para recibir y acoger los visitantes de este megaevento.

PALABRAS CLAVE: Juegos Olímpicos; Megaevento deportivo; Río 2016.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRUGGEMANN, A. L., et al. Folha de São Paulo: Um jornal a serviço (da Copa) do Brasil. In: Pires G de L, organizador. **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha; 2011.

DIJK, T. A. V. **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información**. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.



FOLHA DE S. PAULO. **Imagem do jornal da Folha de São Paulo**, edição nº 31.886, ano 96, São Paulo, ago. 2016. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp>. Acesso em: 10 dez. 2020.

GIAMBIAGI, F. **Depois dos Jogos: Pensando no Rio para o Pós 2016**. São Paulo: Elsevier, 2015.

PAIVA, R. A. Eventos e megaeventos: ócio e negócio no turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, 9(3), pp. 479-499, set./dez. 2015.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G. de L. Os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o Agendamento Midiático-Esportivo: Um estudo de recepção com escolares. *Revista Brasileira de Ciência e Esporte*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 337-355, abr./jun. 2011.

MINISTÉRIO DO TURISMO; FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS – FIPE. **Olimpíadas - RIO 2016**. Ministério do Turismo: Brasília, 2016 Disponível em: < <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/olimp%C3%ADada-rio-2016.html>>. Acesso em: janeiro de 2021.